

# EXCEDE(NDO)R A SEMÂNTICA DAS MOLDURAS: a poesia feminista contemporânea na obra de Ana Bê<sup>1</sup>

Rosimeire Barboza Silva (\*)  
Lennita Oliveira Ruggi(\*\*)

## Resumo

São diversos e instigantes os debates sobre a literatura como *locus* frutífero tanto para a reprodução de discursos misóginos quanto para a criação de novas enunciações femininas/feministas. Inspirada em tais debates, este artigo pretende elaborar sobre a escrita feminista contemporânea tendo como ponto de partida a obra da poeta portuguesa Ana Bê. Jovem autora à margem do mercado editorial de grande porte, Ana Bê redimensiona a literatura engajada, conjugando a experimentação estética com o exame minucioso da inserção das mulheres na sociedade.

**Palavras-chave:** Poesia Feminista Contemporânea. Literatura Engajada. Corpo.

## Abstract

There are several debates about the literature as a fruitful *locus*, either for the reproduction of misogynous speeches, either for the creation of new feminine/feminist statements. Inspired by such debates, this article intends to elaborate about the contemporary feminist literature, having as a starting point the work of the Portuguese poet Ana Bê. Young author set aside from the large scale editorial market, Ana Bê gives the politically engaged literature a whole new dimension, through the combination of aesthetic experimentation with the meticulous examination of women's insertion in society.

**Keywords:** Contemporary Feminist Poetry. Politically Engaged Literature. Body.

## Prólogo

“a oportunidade priva a teoria  
SER penteando as mães as putas  
as mães que engolem as putas  
as putas que vomitam as mães  
as mães que rasgam as putas  
as putas que se salvam das mães  
e PRINCIPALMENTE o homem-todo-alicerce  
que as nomeou rotulando na  
mera ejaculação de armários onde  
pudesse depor os **pés**

---

<sup>1</sup> Uma versão anterior deste texto foi publicada em Portugal: Lennita Oliveira Ruggi e Rosimeire Barboza Silva, «Exceder os limites: a crítica feminista contemporânea na obra de Ana Bê», *Configurações*, 9: 2012, 161-180.

(\*) Doutoranda em Ciências Sociais pelo Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra (CES/FEUC, Portugal). E-mail: rose.bs@uol.com.br.

(\*\*) Professora de Sociologia da Educação na Universidade Federal do Paraná (UFPR, Brasil) e mestre em Sociologia pela mesma instituição. E-mail: lennitaruggi@hotmail.com.

Convulsa, abrangente, sem concessões: “as mães que engolem as putas/as putas que vomitam as mães” (PEREIRA, 2007: 14). Incômoda “A oportunidadeE privA a teoriA/SER penteando” remexendo e escavando lugares, redefinindo espaços matizados pela experiência corporéa “as putas que se salvam das mães”, porque a vida em si, não permite linearidades, nem tampouco respostas fáceis, antes, a palavra é uma forma de questionar significados amplamente visitados por mães e por putas, o lugar social da opressão, que as nomeia e coage, relegando-as, por meio de discursos-rótulos a um espaço subalterno e movediço, onde para se sobreviver é necessário ter garras e lutar “sustendo dinamismos”.

Subverter os limites, para desvalidá-los: assim é Ana Bê e sua poesia: sem meias palavras, o princípio é sempre o espaço que ocupa para dizer a que veio. A luta começa a ser travada no espaço de uma folha, antes mesmo dela se converter em poesia, já que sua escrita é imagética e sensorial. Um exercício quase palpável, imediato, visceral.

Ana Bê, portuguesa, nascida no Distrito de Coimbra, é poeta, como faz questão de ser chamada (e não poetisa) e utiliza sua arte como uma forma de denúncia contra a estupidificação, contra o imobilismo e contra os inúmeros preconceitos enraizados no âmago de nossas práticas cotidianas, banais. Escreve, como diz, contra os “apagamentos, ocultamentos e invisibilidades” (PEREIRA, 2008). Poeta e militante feminista, lésbica e, pelos direitos das pessoas com deficiência, o currículo de Ana inclui a licenciatura em Letras inglês/alemão e o mestrado em Sociologia na linha de estudos de Pós-Colonialismos e Cidadania Global, ambos pela Universidade de Coimbra. Dedicada a traduções para língua portuguesa, circula com familiaridade entre a literatura feminista de língua inglesa, tendo especial predileção pela obra da estadunidense Toni Morrison.

Jovem autora à margem do mercado editorial de grande porte, Ana Bê redimensiona a literatura engajada, conjugando a experimentação estética com o exame minucioso da inserção das mulheres na sociedade. Consciente das armadilhas misóginas implícitas nas línguas europeias modernas, esfacela as barreiras estabelecidas para reivindicar seu espaço de enunciação – simultaneamente pessoal e político, já que não seria possível divorciar as duas instâncias. A leitura paralela de suas duas principais obras permite acessar as sutilezas, inovações e desafios propostos.

Partimos, portanto, de sua coletânea de poemas intitulada “As patas posteriores das pulgas” (2007) e da dissertação de mestrado concluída em 2008: “Viagem ao interior da sombra: deficiência, doença crônica e invisibilidade em uma sociedade capacitista”, para tentar repensar os espaços que ocupamos, nossas concepções de corpo e experiência e acreditamos, que ficará evidente ao final, a contribuição dos feminismos, suas escritas, poéticas e suas lutas para a consolidação de um conhecimento realmente comprometido e emancipatório, que busca a liberdade e, que excede, ao mesmo tempo que respeita as diferenças, cooptando-as e reposicionando-as para além dos limites e das molduras.

## I. Excede(ndo)r a semântica das molduras<sup>2</sup>

“o tempo e suas altas construções de metal abrangentes toda a anatomia do sonho uma casca. casca ta de papel imprimindo-se um ritmo de unhas ao pescoço desliza dando-se era.” (PEREIRA, 2007: 12).

Uma moldura é um limite. Uma espécie de cerca que fixa e circunscreve algo a determinado espaço. Por isso mesmo, uma moldura reduz e restringe dimensões, ideia que seria inconcebível para a poesia de Ana Bê. Poesia que se quer possibilidade, subvertendo ideias e temporalidades, o EXCEDER as convenções, torna-se exigência quando buscamos explorar os sentidos e sentires de que é feita sua luta, sua literatura.

Numa gramática ousada, que mistura texturas, antônimos e devires, Ana une materialidades (moldura) e discursos (semântica) no mesmo espaço, evocando-os integrados, para falar de tudo aquilo que nos restringe: exceder essa dinâmica das molduras é um convite provocador, claramente uma proposta para extrapolarmos o conhecido, o comum, o visível, o confortável e questionarmos espaços que estão para além das aparências. Ana brinca com as convenções, para *desconvenção*-las.

Aqui o desafio é *re*-olhar o mundo por meio de suas fissuras para ampliá-lo. Revolver a camada de ensimesmamento que nos imobiliza para podermos tocar estruturas tão ambiciosas como “o tempo e suas altas construções de metal abrangentes [onde reside] toda a anatomia do sonho” (PEREIRA, 2007:12).

EXCEDER por isso mesmo é mandatário, uma forma de dizer que ultrapassar as aparências é ir em direção a um mundo ocultado, silenciado, que mesmo aparentemente não-

---

<sup>2</sup> Título emprestado de “Gênios”, poema disponível em:< <http://www.ana-b.com/genios.html>>.

existente<sup>3</sup>, é criado assim ativamente, quando colocado para fora de nossas reflexões, sejam elas literárias ou cidadãs. É nesse exercício de forçar os limites para além do imediatamente perscrutável que Ana situa seu livro: “as Patas Posteriores das Pulgas têm a ver exatamente com o que está de fora, o que tod@s rejeitam, o que ninguém vê, e também, com o que a maioria das pessoas não consideraria poético ou de relevo”.

Seu posicionamento situado e incorporado<sup>4</sup>, excede quando desoculta e deslinda exclusões quando assume e explicita seu lugar de enunciação, que é seu corpo-voz-sujeito-de-si-mesmo:

Em primeiro lugar, como uma pessoa com deficiência que tem uma doença crônica não posso nem quero ter uma posição neutral face às questões que aqui abordo [refere-se à sua dissertação de mestrado]. A minha postura é iminentemente política no sentido em que pretendo advogar claramente os direitos das pessoas com deficiência e doença crônica. Este não será por isso um estudo influenciado por abordagens positivistas que defendem o distanciamento da investigadora relativamente ao assunto estudado. Do meu ponto de vista, não existe neutralidade possível face à opressão, à exclusão e à discriminação. Eu sei exactamente de que lado quero estar e qual a importância de por ele lutar. (PEREIRA, 2008:16)

O EXCEDER aqui também funciona como uma espécie de vacina contra as falsas neutralidades. Por meio dessa perspectiva que se realiza no corpo e por meio dele, dizer-se e saber-se é também uma forma de repensar-se e colocar-se para além dos limites, interiores e exteriores e, sobretudo marcar presença no mundo, ocupar espaços, quando esse exercício se traduz em atividade extenuante e coletiva, é também exigência material:

...é de extrema relevância dizermo-NOS. Se eu me digo deficiente e pessoa com doença crônica, eu preencho esse espaço no mundo. Eu passo a habitar uma espacialidade que torna essas características visíveis. O problema, naturalmente, é que nem sempre é fácil dizermo-nos. As pessoas com doenças crônicas vivem constantemente nesta angústia. É possível que sejam penalizadas por se dizerem e é possível que o oposto aconteça, como o meu trabalho de campo elucidou. A própria volatilidade e imprevisibilidade da doença coloca-as num espaço indefinido com o qual tanto elas como os outros têm dificuldade em lidar. O facto de vivermos numa sociedade habituada a suprimir qualquer conhecimento relacionado com a doença e que a vê exclusivamente a partir de um paradigma biomédico faz com não tenhamos mecanismos efectivos de com ela nos relacionarmos. (PEREIRA, 2008: 230)

Quando EXCEDE o visível, Ana amplia os limites de si, mas não só. Sabe que as delicadas estruturas que tecem as invisibilidades cotidianas, com as quais nos deparamos, é

---

<sup>3</sup> “Há produção de não-existência sempre que uma dada entidade é desqualificada e tornada invisível, ininteligível ou descartável de um modo irreversível” (Santos, 2002).

<sup>4</sup> Para um conceito abrangente sobre os conhecimentos situados e a objectividade incorporada e suas contribuições à teoria feminista, ver sobretudo: HARAWAY, Donna J. (1995). Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, n. 5, p. 7-41, 1995.

uma construção dinâmica e, por isso, somente poderemos *des-tecê-las* coletivamente. Quando se diz – note-se: é impossível dizer-se em singular, e por isso o sujeito de sua dissertação é coletivo – sublinha, “é de extrema relevância dizermo-NOS” (idem), Ana sabe o quanto está implicada nesse processo, vencer as opressões é uma constante luta pela liberdade, pelo EXCEDER as bordas do que nos cerca constringendo nossa ação no mundo e, essa implicação só se faz, por meio da integralidade. Ana, ocupa assim um espaço e por isso compreende que a liberdade é um caminho e não um estado: “uma prática que nos capacita a construir – coisa que só podemos fazer coletivamente – compostos articulados e nesse sentido necessários, por sua vez compartilhados e desejados cuja a eficácia consista no aumento da potência de atuar coletivamente.” (GALCERÁN, 2009: 109).

É a tecitura entre conhecimentos situados, corporificados e políticos que vai dando forma e aumentando essa potência de atuar coletivamente de que nos fala Galcerán (2009). Seu corpo-voz-sujeito e escrita conjugados fazem de Ana elemento fundamental na desconstrução de barreiras e molduras.

O EXCEDER, palavra que vai adquirindo amplos e novos significados nessa escrita é também um jogo maleável que se diz na multiplicidade, nos encontros e desencontros de um conhecimento corporificado-visceral, político, explícito e como não poderia deixar de ser: exercício solidário e coletivo que só é compreendido por meio de palavras como liberdade, um olhar *além e para além* das aparências que nos cerceiam e invisibilizam.

Ana, em suas escritas, se metamorfoseia em múltiplo exercício, experiencial, nunca definitivo. Seu corpo, uma articulação através dos limites e para além deles, fala, em si, de uma imensidade de corpos: “O problema, naturalmente, é que nem sempre é fácil dizermos. As pessoas com doenças crônicas vivem constantemente nesta angústia.” (ibidem).

Como vimos, nesse contexto a neutralidade é impossível, e a liberdade necessária para a ação política, uma exigência premente. As subjetividades são corpos entrelaçados que entremeiam vivências. Ana, não é apenas uma, fique claro, mas sim uma multiplicidade de sentires, de sujeitos. O que também não é fácil, já que “é um desafio escolher o lugar desde onde podemos nos repensar sem cair na banalidade ou no refúgio categorizante” diz Maria Galindo, artista e feminista.

Entretanto, para além da consciência, os sentidos do mundo são muito mais complexos e emaranhados, não basta apenas se “repensar” provoca Ana, é necessário ir lá, onde na bifurcação do corpo, aninha-se a dúvida, a angústia e o sentir se faz imperativo. Para além de

subjetividades-pensantes, somos sujeitos nomâdes, em constante mutação e convivemos todas e todos, com o medo, a rejeição, com o que é impossível de ser só afirmação:

essa sílaba colada à articulação do espaço na modificação do absurdo deste eclipsado passado medido pela língua da espinha. tornando-se a ficção daquela espera. não esperavas a ausência nem a bifurcação das sementes nem o semear das raízes da delonga na tentativa da tentativa. saberias as longas pestes nos buracos negros dos continentes onde a matéria se arrasta e parte de uma partida fusca e ofuscada como só a partida se sabe por dentro dela própria voltando ao seu início de partida quebrada. é a questão dos cimos e suas voltas torcidas às correntes do horizonte que comanda em filas milimétricas – ao observar o embuste descobres o animal ferido por entre as cadeias às avessas que se fecham sobre o pano quando a peça acaba e as cadeiras rangem de medo ao vazio do olhar. não se sabe a certeza que os ventos trazem quando o sexto elemento vem e por entre as tuas fracturas cozidas por um fio rebola. talvez não haja vestes das horas que te tecem. ou as vestes se dispam ao entrar do horizonte de mel e sal por entre a entrada triunfal da orquestra de ossos. sentinela na luz. O Cosmos ou a Caligrafia. (PEREIRA, 2007: 37)

O Cosmos ou a Caligrafia. A possibilidade de uma resposta é engendrada pela própria impossibilidade, ou seja é a experiência do impossível que cria a possibilidade. É no convívio com abismos e fragilidades que Ana se vai construindo num auto-identificar-se-consigo-em-outros-corpos:

Digo que não sou o Alpha nem o Ómega nem qualquer coisa de intermédio. Sou a vocação de minha própria vontade. Sou a minha própria trindade. A sempre possibilidade. Digo que sou uma valência do futuro e o meu corpo aberto há-de ser um dia. Deixai que vos fale do depois. Eu era uma balança de espinhos, uma bifurcação e, por dentro um murmúrio, uma mimosa de espanto. É certo que a arquitectura se espera por dentro, como os dilúvios e quando não se existe água, é-se um naufrago em terra – pensava eu. Mas é preciso saber caminhar pela sofreguidão sem nunca inclinar os passos. Digo da sina de esperar as épocas abismadas. Digo do ápice da vontade entreaberta. Sei da seiva que escorre pelas veias e de como se limita a fabricação do arroubamento. Sei da utilidade das diáporas da pele, por onde antevejo o clarão dos sinais decalcáveis. Sei do início sem começo e das cidades imaginárias da memória. Sei dos princípios desfiados e das horas nascentes por dentro dos passos. Digo que dirijo a música aberta dos dedos e nunca questiono o entrançar dos acordes. Digo que sou o sangue pela garganta e as plantações ébrias de futuros. Digo que sou o tremor dentro da terra do desejo e quase nunca pergunto pelo tempo. Não me penteio por não me saber os cabelos de cor. E disso dou graças. Porque sou o eterno chamamento da luz. E s c a n c a r a d a . (PEREIRA, 2007: 55)

“Digo que sou uma valência do futuro”. Ana é devir. “Sei dos princípios desfiados e das horas nascentes por dentro dos passos”. Vivência. Tacto. “Digo que sou o tremor dentro da terra do desejo e quase nunca pergunto pelo tempo”. Ambiguidades e subtilezas. A delicadeza do que não é dito, mas que fica explícito. E, evidentemente um EXCEDER de si mesma: “E s c a n c a r a d a .” Um não-limite que nos ajudará a buscar em sua poesia e

escritas, caminhos e sendas para repensarmos com ela, nosso próprio quefazer coletivo e nossa sempre possibilidade.

Ana ao forçar nossos limites (com os quais pensamos e vemos o mundo) nos questiona também: quais são os limites que estipulam na compreensão do corpo nossas experiências? E a ciência? Será que existe nela algo que nos cerceia?

## II. Exceder o corpo e a experiência



Ana Bê

A imensidão de um corpo é um impalpável ângulo zero. Dizia o filósofo Bento de Espinosa (1992) que porque não sabemos o que pode o corpo, tagarelamos sobre ele. A poesia de Ana concorda: não se questionam imensidões. O corpo é uma amplidão ininteligível quando buscado a olho nu, por meio de qualquer interpretação totalizante. Só nos aproximamos do corpo e de seus sentidos, quando não questionamos seu existir em instantâneos, seu se dar em relação e nos acostumamos à idéia do fragmento. Para a poesia de Ana o corpo é o deleite do que se excede. O corpo é amplidão. Fragmento. Paradoxo. Compartilhamento. Uma casca sensível. Casca-pele-poro que se intercomunica entre as imensidões. O corpo é o dentro-fora-dentro em movimento contínuo. “Um cântico incandescente” (PEREIRA, 2007:45):

quando na noite havia uma azenha  
Na desordem olfactiva da luz implacável

Ou o mármore de um baixo relevo numa tapeçaria de linho  
E os sítios onde os ossos se despojam  
Reconhecendo as tatuagens na voz  
Para além da superfície de coágulos que e-  
Mana  
Na primeira passagem de qualquer litoral

Um poro era uma armadilha penosa  
Uma coincidência de vários horizontes ou  
a busca

Um poro não se acende por vontade  
Espera-se no esforço trêmulo ao soletrar os  
movimentos do  
Painel onde se inscreve a brevidade

Um poro espelha-se para se outrificar  
Um poro escoá-se pelas varandas das terras  
Um poro expande-se para além da maresia  
Um poro pendura-se a secar como uma  
lágrima  
Um poro quer-se de uma paz arrebatada

A um poro quer-se as sementes pinceladas  
de cinza  
A um poro a união dos factos  
Nas aberturas dóceis onde flutuam os pesos

Quer-se de um poro o propósito despojado  
das unhas descalças  
Quer-se de um poro uma acrobata de  
janelas sem vidros  
E as manhãs contidas

De um poro essa clemência anis de  
madrugadas

Pede-se de um poro a fábula das vivências  
abrigadas (PEREIRA, 2007: 46)

A experiência, que só faz sentido acontecendo *no* mundo e *com* o mundo, é mais ampla do que qualquer apreensão imediata pode sondar. “Um poro era uma armadilha penosa. Uma coincidência de vários horizontes ou a busca.” É uma imagem instantânea, um jogo emblemático que expõe paradoxos: “Um poro espelha-se para se outrificar”. O corpo coletivo, exigência primordial do sujeito-com-outros. “Quer-se de um poro o propósito despojado das unhas descalças. Quer-se de um poro uma acrobata de janelas sem vidros”. Como nomear, algo que se dá sempre-fragmento? A vivência ela mesmo existência. As cicatrizes da casca. “Pede-se de um poro a fábula das vivências abrigadas”.



O corpo-movimento, concretamente descrito no texto de Ana, se aproxima à definição de Latour: “O corpo é, portanto, não a morada provisória de algo de superior – uma alma imortal, o universal, o pensamento – mas aquilo que deixa uma trajetória dinâmica através da qual aprendemos a registrar e a ser sensíveis àquilo de que é feito o mundo.” (LATOURE, 2009: 76).

O poro e suas comunicações, suas torrentes de sensações e seu arrebatamento. Novamente Latour nos dá uma pista, sobre como compreender tal vivência: “As partes do corpo, portanto, são adquiridas progressivamente ao mesmo tempo que as “contrapartidas do mundo” vão sendo registradas de nova forma. Adquirir um corpo é um empreendimento progressivo que produz simultaneamente um meio sensorial e um mundo sensível” (Idem).

O dentro-fora do corpo se expande em vivência sensorial e sensível, memória e possibilidade: “Digo que os dias são matrizes palpáveis de memória, como a substância indizível do mel e que as rotas se abrem por dentro, como um ninho de pequenos louvores. Era um aguçado lugar falível mas preenchido de graça. Eu era a possibilidade e disso dou conta. Por dentro da voz.” (PEREIRA, 2007: 54).

Por não ser totalidade, o corpo é um lugar falível, mas preenchido de graça. Corpo coletivo, fortalecido pela luta. Re-significado, revisitado, redimensionado:

Questionar o mito super-humano e admitir a fragilidade do nosso corpo não nos torna mais vulneráveis, pelo contrário, torna-nos mais fortes e mais equipadas para lidar com a adversidade e a dificuldade inerentes à nossa condição humana. O facto de nos ausentarmos desta parte de nós significa que não valorizamos nem recolhemos os conhecimentos do mundo que lidam com a doença e com a dor. (PEREIRA, 2008: 94).

Corpo que só é compreensível em constante ambivalência, parte de uma definição mais ampla, que não ignora a dor, mas sim a incorpora como uma forma legítima de conhecimento, de si, dos outros e do mundo, e que também não é apenas e somente constatação empírica, porque a dor faz parte também de um compartilhamento, de um vivenciar *do-outro*, aquilo que se concebe em e através das relações. Corpo-não-totalidade, mas movimento, um tomar parte: “E agora os corpos permeáveis apenas pelo não-saber [Eterno vul nerável] \_\_\_\_\_ nada restando dos resíduos empíricos do experiência mento Agora dura doiro e Encarnado a pele de rosáceas estendidas-ostensivas marcando O OUTRO a presença u pisar constante dos mesmos trilhos (...)” (PEREIRA, 2007: 22).

E, talvez aqui esteja, uma das maiores e mais lúcidas contribuições de Ana e sua poesia para alargamos o conceito de corpo, para o feminismo, em nossos trabalhos, na ciência

que buscamos construir: o corpo, não é apenas experiência empírica, a própria experiência não é apenas empírica, ela se *dá-dando* em relação, um conhecimento compartilhado e solidário de amplitudes e presenças, mas também de ausências e assombros. Que não se restringe a mim, sujeito individual, mas que se realiza e é realizada na convivência com outros corpos.

Corpo é experiência em relação quando EXCEDE o limite entre o que sou eu, empiricamente falando e o que é o outro. O que é o mundo e como dele nos aproximamos:

O corpo é essencial para o entendimento que temos do mundo. Muitas vezes relacionamo-nos com o mundo através de configurações corporais materializadas através da linguagem, como por exemplo quando dizemos “a perna da mesa”, “ter mão em alguma coisa”, “a barriga da perna”, “ter um pé-de-meia”, “estar ao pé de” ou “levar alguma coisa a peito”. Nesta relação metonímica com o mundo-corpo, o exterior torna-se uma extensão do corpo-mundo. (PEREIRA, 2008: 176).

A escrita de Ana não questiona a imensidão de nossas vivências, apenas as tece conjuntamente, lidando com os paradoxos, sem buscar categorizá-los, cindi-los. “Uma relação metonímica com o mundo-corpo.” Expurgar o fragmento, a empatia, a vivência coletiva que se sente sob a pele sem saber muito bem explicar porquê, seria reducionista, um ocultamento proposital, um silenciamento simplista. Seria conviver *com* e admitir que para além da moldura não existe vida. A poesia de Ana não concebe uma luta que não seja integral, que não seja ela mesma extensão: para se reler o corpo, é preciso irmos também para além do *eu*. São nas intersecções e nos interstícios, que um novo corpo também surge, delicado e frágil e por isso mesmo, mais combativamente coletivo, preparado para lidar com o inconstante, com o novo e com o imprevisível.

### III. Ciência(s) e feminismos na poesia contemporânea

nos ALICERCES materiais a pá ciência afoga  
espécies inventa e contrastes e nos órgãos céu-lulas um  
íntimo pendurado ao limite quase interlúdio de cinzas  
escamadas (PEREIRA, 2007: 14)

Crítica, a poesia e a escrita de Ana é sobretudo lúcida: consciente dos encobrimentos e da cumplicidade da ciência na criação de um certo “tipo” de mulheres, homens e hábitos seu objetivo é questionar os alicerces de uma ciência que sufoca saberes, num jogo acirrado onde relações de poder instituem e destituem conhecimentos, hierarquizando práticas e excluindo, por meio de discursos herméticos, a diversidade das experiências do mundo:

enfim, numa mera sucessão angustiante de premissas aparentemente reveladoras mas que numa segunda reflexão de configurações significativas se revelaram absolutamente inócuas à materialização das conotações psicossomáticas naquele que era de facto um contexto metafísico-epistemológico de conclusões duvidosas embora fosse claro que a interacção de fatores era um facto e não poderia já ser suplantada pela mínima intervenção ou tentativa de reversibilidade. (PEREIRA, 2007: 26)

A poesia ironiza os termos pomposos, as palavras que mais distanciam do que aproximam sujeitos e conhecimentos:

o processo visou refutar através da ambivalência caracteristicamente doutrinal independentemente de processos materiais feitos conjuntamente através da implantação de feiticização de dimensão espacial ou mesmo lutas simbólicas estigmatizadas pela dimensão da conjuntura particular de diapositivos que remetem para uma visão foucaultiana que tornaria implícita a noção de objectivo ou seja numa lógica normalizadora o poder-cósmico contrapõe-se de forma intensa à incidência dos denominados micro-factores que maximizados fundamentam na opinião daquele um tratamento de monopólio face à heterogeneidade que encerra a incorporação do mundo actual. não sei se me faço entender. (Idem)

A poesia de Ana Bê, mais uma vez escancara, a complexa arquitetura da exclusão: para além de uma ideia que contempla apenas corpos perfeitos e capacitados, para além das invisibilidades, existe também uma exclusão latente e explícita na ordem do discurso científico. Uma espécie de moldura outra, que funciona como barreira e trincheira: dividindo quem “fala a mesma língua” de quem não a compreende.

Ana, desse modo, torna manifesto em sua escrita, o que outras militantes orgânicas e académicas feministas expunham em seus trabalhos: “Utiliza-se a linguagem desnecessariamente especializada para humilhar a quem se supõe não autorizado para entendê-la. Vende-se a ilusão de que somente quem a sabe manejar é capaz de pensar.” (MORALES, 2004: 68), denuncia a intelectual Aurora Levins Morales e continua:

Uma resposta frequente para quem mostra resistência a essa linguagem exclusiva é que sofrem de cansaço intelectual. Como qualquer outra forma de controlar as entradas, o caso é que nós, e não as portas, somos as responsáveis por tê-las atravessado. Devemos abandonar o que estamos fazendo, esquecer o motivo pelo qual viemos e dedicar nossas energias a aprender as técnicas de invasão de endereço. (Idem: 69)

Uma ciência irresponsável e não-democrática, que além de não cumprir seu papel é cúmplice num amplo projeto que desqualifica e exclui. É contra esse tipo de ciência, canónica e alicerçada em preconceitos que sua escrita se insurge. Essa mesma ciência que prega uma suposta neutralidade que Ana já nos demonstrou ser impossível e cínica.

É por isso, que mais uma vez, tal como outras intelectuais feministas, Ana busca novas formas para expressar-se e expressar sua luta: “A linguagem está ligada ao conteúdo, e o

conteúdo que eu busco é uma teoria e uma prática intelectual que me resulte útil numa pesquisa ativista, cuja as prioridades são, sobretudo, democratizadoras.” (Ibidem), parece dizer em coro com Morales (2004).

Mas não é apenas na crítica à ciência e seus outros que Ana sustenta sua narrativa. Ultrapassando o limite da crítica fácil e das soluções prontas, alguns poemas parecem nos indagar: porque nos localizar numa identidade se todas elas são produzidas pelo poder? No trecho seguinte, essa ideia, que brinca com os estereótipos é vista e revista, a partir de um jogo que conjuga a experimentação estética com a perspicácia intuitiva, amplificando indagações: “As Putas é que têm sorte – disse ela – gritando estridente mãos pendendo – assim” (PEREIRA, 2007: 27), mas não é tudo, já que em ERRATA é possível reler o mesmo poema, agora orientad@s pela autora: “Página 27 – Onde se lê «as putas» **deve-se ler** «os putos<sup>5</sup>»” (PEREIRA, 2007: 58). Ana, demonstra que aqui, o que está delicadamente em jogo é uma ideia de “mulher” essencial, forjada por relações patriarcais, que sempre privilegiaram o homem branco, ocidental, heterossexual, como sujeito e relegaram aos Outros-outros espaços-figurações. Entretanto, os “putos”, apesar de terem sorte, fazem parte também de uma co-narração transformativa, já que o poema continua e se interroga e se rebela: “Mas não uma história isto é. Isto é poderia ser. us turbilhões revoltam-se em escamas intensas também os ossos.” (PEREIRA, 2007: 27). A história não está pronta, tal qual o corpo, ela é relação, vir-a-ser, movimento. Um convite:

além do delito do delírio/ passou à dependência do mar partilhando os seus hábitos/  
engolindo pessoas ocasionalmente/ passou a ser contígua à passagem e à efusão  
juntas/ esgotava a divisão em saltos acrobáticos/ que desafiavam o tecto/ nunca vira a  
solidificação transitória dos objectos não-suspensos/ talvez não soubesse como  
habitar os turnos semi-luzidios das horas/ vivia além dos traços que se rodeavam de  
outros/ era tão brusca a sua solidez/ despenhava-se por conhecer a mudez aberta dos  
gestos/ incorporava o espaço/ de cada vez que o silêncio se tornava demasiado  
esbranquiçado/ não era antiga a sua tremenda ressurreição/ era antes esculpida na  
curva de um granito de idade indeterminada. (PEREIRA, 2007: 32)

A narrativa linear é perturbada por outros pontos de vista, informada pelos feminismos e pelas diversas maneiras de resistirmos e de enfrentarmos as opressões a que somos submetidas. Apesar de inscrever as relações patriarcais em sua poesia, Ana sabe que a construção da verdade narrativa nem sempre tem raízes na verdade histórica e por isso brinca e re-cria “nas dobras das nódoas figurações pós-qualquer-coisa pós traço qualquer traço coisa”, um espaço novo que pode muito bem ser habitado por “todos os fenómenos de vim

---

<sup>5</sup> Em Portugal, a palavra *putos* é usada como sinónimo de *meninos*.

culação” (PEREIRA, 2007: 27), e responder intensa e ativamente aos turbilhões que nos chegam até aos ossos. Des-construindo, gêneros, relações hierárquicas, preconceitos. Excedendo os seus limites e nos convidando, a todas e todos nós, a excedermos também, nossas semânticas e irmos para além das bordas e das fronteiras.

## Referências

ESPINOSA, Bento de. *Ética*. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 1992.

GALCERÁN, Montserrat. *Deseo (y) libertad: Una investigación sobre los presupuestos de la acción colectiva*. Madrid: Traficantes de Sueños. Série Mapas, 2009.

LATOURE, Bruno. Como falar do corpo? A dimensão normativa dos estudos sobre a ciência. In: Nunes, João Arriscado e Roque, Ricardo. *Objectos impuros: Experiências em Estudos sobre a Ciência*. Porto: Edições Afrontamento, 2009.

MORALES, Aurola Levins. Intelectual orgânica certificada. In: Hooks, Bell *et al.* *Otras inapropiables: feminismos desde las fronteras*. Trad. Rocío Macho Ronco et al. Madrid: Traficantes de Sueños, 2004. p. 63 - 70.

PEREIRA, Ana Maria Baila Albergaria. *Viagem ao interior da sombra: deficiência, doença crónica e invisibilidade em uma sociedade capacitista*. 257 f. (Dissertação de Mestrado em Sociologia: Pós-Colonialismos e Cidadania Global). Faculdade de Economia e Centro de Estudos Sociais. Universidade de Coimbra, Portugal, 2008.

\_\_\_\_\_. *As patas posteriores das pulgas*. Coimbra: Edição da autora, 2007.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 63, out. de 2002, p.237-280.